

# DIMENSÕES

Revista de História da Ufes

## APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ: “A COMPANHIA DE JESUS E SUA DINÂMICA RELACIONAL NOS IMPÉRIOS COLONIAIS IBÉRICOS, (SÉCULOS XVI - XVIII)”

**Eliane C. Deckmann Fleck<sup>1</sup>**  
**Marcia Amantino<sup>2</sup>**

<sup>1</sup> Possui Graduação em História pela UNISINOS (1984), Mestrado em História pela mesma universidade (1991) e Doutorado em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS (1999), com a Tese: Sentir, Adoecer e Morrer - sensibilidade e devoção no discurso missionário jesuítico do século XVII. De 1986 a 2022, atuou como professora e pesquisadora na Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), vinculada ao Curso de Graduação em História e ao Programa de Pós-Graduação em História desta instituição. De fevereiro de 2010 a fevereiro de 2013 exerceu a Coordenação do Curso de Graduação em História e, de fevereiro de 2015 a fevereiro de 2017, a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS. De 2017 a 2022, desempenhou a função de editora da Revista História UNISINOS (Qualis A1). Atualmente, é professora visitante no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). É Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq desde 2010 e membro da Rede de investigadores da Sociedade Internacional de Estudos Jesuíticos (SIEJ), com sede na EHESS, Paris (França), da Red-HBP - Red de Historia de Brasil y Portugal -, com sede na UBA, Buenos Aires (Argentina), da Red Culturas y Lenguas Indígenas e da Rede Brasileira de Estudos em História Moderna (H\_Moderna), bem como da Comisión Permanente de las Jornadas Internacionales sobre las Misiones Jesuíticas. É associada da Associação de Brazilianistas na Europa (ABRE), da ANPHLAC, da SBHC e da ANPUH-Seção Rio Grande do Sul e integra os Grupos de Pesquisa-CNPq Jesuítas nas Américas (UNISINOS), História, ciência e técnica: saberes globais e locais (UFU), Imagens da Morte: a morte e o morrer no mundo ibero-americano (UNIRIO) e o Grupo Tempo, Memória e Pertencimento, vinculado ao Instituto de Estudos Avançados da USP. Coordena, desde 2017, o projeto de cooperação interinstitucional Na doença e na cura: as enfermidades, os homens e as instituições (Portugal e América luso-espanhola entre os séculos XVII e XIX) firmado com a Universidade do Minho, Braga, Portugal, e, desde outubro de 2018, coordena o projeto de cooperação interinstitucional Escritoras e escritores de Portugal e Brasil da Idade Moderna a 1900: religião, ciência, educação e gênero firmado com a Universidade de Coimbra, Portugal. Integra, ainda, as equipes dos projetos Configuración histórica de la región del Río de la Plata durante los siglos XVI y XVII. Actores, Procesos y Espacios, Proyecto PAT 2023, Comisión de Historia del Instituto Panamericano de Geografía e Historia, México/Madri, Documenta Americae Meridionalis ? Saberes e Temporalidades, desenvolvido junto à Universidade Nova de Lisboa, e La historia de la medicina en el ámbito de las reducciones jesuíticas de guaraníes, Edital DFG-CONICET (Argentina), Universidad Nacional de San Martín, Buenos Aires, Argentina. Dentre suas principais publicações estão os livros autorais "O Livro de Cirurgia de 1725" (2022), "As artes de curar em um manuscrito jesuítico inédito do Setecentos?" (2015), "Entre a caridade e a ciência: a prática missionária e científica da Companhia de Jesus. América platina, séculos XVII e XVIII?" (2014) e "Enlaçar Mundos. Três jesuítas e suas trajetórias no Novo Mundo ?" (2014) e os livros organizados em parceria com colegas pesquisadores: O universo letrado da Idade Moderna: escritoras e escritores portugueses e luso-brasileiros, séculos XVI-XIX (2019); A ação global da Companhia de Jesus: embaixada política e mediação cultural em um cenário mundial (2018); História da Assistência à Saúde e à Pobreza - Olhares sobre suas instituições e seus atores (2017); Escritas e leituras. Temas, fontes e objetos na Iberoamérica, séculos XVII-XIX (2017) e A Companhia de Jesus na América por seus colégios e fazendas. Aproximações entre Brasil e Argentina, séc. XVIII. (2015). E-mail: [ecdfleck@gmail.com](mailto:ecdfleck@gmail.com); Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7525-3606>

<sup>2</sup> Possui graduação em História pela Universidade Federal Fluminense (1992), mestrado (1996) e doutorado (2001) em História Social pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestrado (2016) em História do Império Português pela Universidade Nova de Lisboa e pós-doutoramentos pela Universidade Federal de Minas Gerais



A Companhia de Jesus é uma das instituições religiosas que mais tem despertado o interesse por parte de historiadores e, em função disso, inúmeras obras com distintos aportes teóricos e abordagens metodológicas têm sido publicadas mundo afora. O caráter supranacional da ordem tem permitido, sobretudo, que sua atuação seja pensada a partir das discussões da História Global, da História Conectada e da Atlantic History. Contudo, poucos são os trabalhos voltados para o entendimento da atuação de tais religiosos a partir das relações que eles mantiveram com as autoridades, bem como com as chamadas elites coloniais, incluindo nesse grupo também os letrados, quer sejam eles religiosos ou não.

Tais relações proporcionaram a aquisição e/ou manutenção de prestígio e poder nas sociedades coloniais, de uma questionada riqueza e de privilégios econômicos e sociais. Mas, para além desses inegáveis desdobramentos, essas relações também proporcionaram a construção de redes sociais que podem ser identificadas por meio das trajetórias de determinados membros da ordem no âmbito dos Impérios coloniais ibéricos. O dossiê se propôs, portanto, a reunir trabalhos que discutissem a inserção da Companhia de Jesus e, especialmente, de alguns de seus membros nas dinâmicas relacionais das sociedades dos impérios coloniais nos quais a ordem atuou.

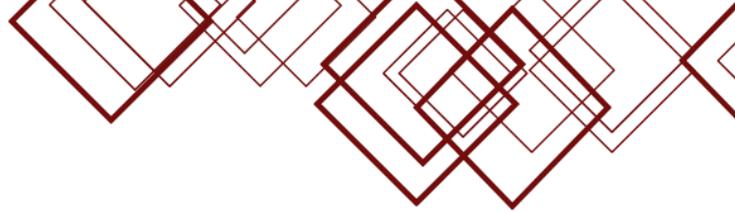
7

Dentre os artigos submetidos ao dossiê foram selecionados dez textos que, de formas variadas, buscaram pensar estes agentes religiosos inseridos em sociedades coloniais diversas, abrangendo desde o século XVI – momento muito próximo da fundação da Companhia de Jesus – até o final dos Setecentos, quando foram considerados um empecilho para algumas das principais monarquias europeias.

No primeiro artigo, Andreza da Silva Vieira e Sezinando Luiz Menezes analisam o impacto da Companhia de Jesus na propagação da cultura portuguesa e dos ideais cristãos no planalto de Piratininga durante o século XVI, a partir da ideia de que a Companhia de Jesus

---

(2009-2010) e pela Universidade de Évora, Portugal (2012). É professora do Programa de Pós-graduação da Universidade Salgado de Oliveira e professora adjunta do Departamento de História da UERJ. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa do CNPq "Jesuítas nas Américas", do Grupo de Pesquisa Escravidão e mestiçagens: escravidão, comércio e trânsitos culturais nos sertões da Bahia e de Minas Gerais, século XVIII e do Grupo de pesquisa Eclésia (Unirio). Participa da Rede Brasileira de Estudos em História Moderna e é membro da Rede de investigadores da Sociedade Internacional de Estudos Jesuíticos (SIEJ), com sede na EHESS, Paris. Atualmente, desenvolve o projeto "A Companhia de Jesus na capitania do Rio de Janeiro: reforma, expulsão e controle sobre seus egressos, experiência na área de História, com ênfase em História do Brasil Colônia. Atua principalmente nos seguintes temas: Companhia de Jesus, escravidão negra e indígena, Rio de Janeiro. E-mail: [marciaamantino@gmail.com](mailto:marciaamantino@gmail.com); Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3229-9142>



se apresentava como difusora da moral cristã, impondo aos grupos indígenas seus valores religiosos e usando a educação como fio condutor para suas atividades.

O artigo de Wilson Carlos da Silva apresenta e discute as orientações contidas em uma correspondência enviada pelo Superior Geral da Companhia de Jesus, padre Claudio Aquaviva, ao Provincial da ordem instalado no Vice-Reino do Peru, no ano de 1584. Estas determinações, segundo o autor, visavam à catequização das populações nativas e consagravam a relação firmada entre a Igreja Católica, a ordem jesuíta e o monarca espanhol.

O próximo artigo é de Renata Cabral Bernabé, e, nele, a autora analisa dois textos. O primeiro foi escrito por um franciscano, que acusa a Companhia de Jesus, e o segundo foi produzido pela ordem com o objetivo de defender-se das acusações. No documento acusatório, o franciscano afirma que foi o comércio de seda a verdadeira causa da expulsão de toda a Cristandade do Japão, em 1614, e expõe as relações mantidas pelos jesuítas com os comerciantes e as autoridades japonesas.

Já Alexandre Coello de la Rosa discute a relevância do martírio, proposto e incentivado pelo catolicismo contrarreformista, para a construção do projeto universalista da Companhia de Jesus nas ilhas do sul das Filipinas. Para tanto, analisa duas obras hagiográficas do século XVII, “Historia de Mindanao, Joló y sus adyacentes (Madrid, 1667), escrita por Francisco Combés (1620-65), e “Los Varones ilustres en santidad, letras y zelo de las almas de la Compañía de Jesús”, elaborada pelo padre Alonso de Andrade.

Karl Heinz Arenz e Rafael Chambouleyron, por sua vez, dedicam-se a analisar a Lei do Regimento das Missões, promulgada em dezembro de 1686, que regulamentou as condições jurídicas dos indígenas e o controle sobre sua mão de obra no Estado do Maranhã e Grão-Pará até 1755. De acordo com os autores, esta lei pode ser percebida como resultado de compromissos feitos entre colonos, religiosos e autoridades, no que dizia respeito ao uso dos indígenas como trabalhadores.

Na continuidade, André José Santos Pompeu debruça-se sobre as relações estabelecidas entre os jesuítas e os colonos da região da Amazônia colonial, mais especificamente, da praça de Belém, na primeira metade do século XVIII. Ao analisá-las, se detém nos discursos de pobreza que foram produzidos e nas tentativas de controle do comércio das drogas do sertão adotadas por ambas as partes.

Já Ana Cristina Pereira Lage e Thiago Gomes Medeiros dedicam-se a entender o papel exercido pelo padre jesuíta Gabriel Malagrida na fundação de recolhimentos femininos voltados tanto para a vida religiosa, quanto para a formação de jovens aptas ao matrimônio e a



maternidade. Para atingir estes objetivos, os autores analisam a documentação relativa ao Recolhimento da Soledade de Salvador, datado de 1739, e desvendam as relações estabelecidas entre o religioso jesuíta e os membros da elite local.

O próximo texto, de autoria de Paulo de Assunção, direciona sua atenção para o engenho de Santana dos Ilhéus, a fim de identificar e discutir os problemas econômicos por ele vivenciados ao longo da primeira metade do século XVIII, bem como as estratégias adotadas para minimizar os impactos da administração dos bens temporais pelos inacianos.

Carlos Page apresenta uma discussão sobre como as reduções da Província Jesuítica do Paraguai vivenciavam a chegada de visitantes, religiosos ou leigos, em seus territórios e como seu cotidiano era impactado pela chegada destes agentes externos. O autor também reconstituiu estas visitas realizadas ao longo dos séculos XVII e XVIII, inserindo-as na ritualidade própria do barroco, entendida como mecanismo de controle social e de estabelecimento de lugares sociais.

No último artigo do dossiê, Marcia Amantino explora a lei portuguesa de 28 de agosto de 1767, que determinou a apresentação em Lisboa de todos os egressos da Companhia de Jesus, após o decreto de expulsão da ordem dos domínios coloniais. Por meio da documentação produzida pelos e sobre os que se apresentaram, analisa o cotidiano, as relações sociais estabelecidas entre este grupo e os demais membros das sociedades locais, bem como seus deslocamentos pelo império luso.

Com a consciência de que os estudos apresentados neste dossiê são uma pequena contribuição acerca da importância que teve a Companhia de Jesus nas sociedades onde estava localizado cada colégio, residência, fazenda, redução ou aldeamento, insistimos na essencialidade de não entendermos esta - ou qualquer outra ordem religiosa - isolada das sociedades na qual elas se inseriam. No caso da Companhia de Jesus, cujos membros estavam ligados a variados segmentos sociais e mantinham relações políticas e econômicas com autoridades, indígenas, colonos, comerciantes, enfim, com uma ampla gama de pessoas, essa necessidade fica muito evidente. Os artigos divulgados neste dossiê confirmam as relações travadas entre a Companhia de Jesus e os mais diversos agentes das sociedades nas quais atuaram.